

## Resenha do livro: “Mente - Conceitos chave em Filosofia” do autor Eric Matthews

### Resumo

BOCCHI, Roberta Maria Bueno<sup>1</sup>

Este texto foi escrito com o objetivo de provocar uma reflexão crítica sobre que sujeito estamos formando na Educação contemporânea. O objeto da redação é composto por uma resenha crítica voltada para os três primeiros capítulos do livro intitulado *Mente - conceitos chave em filosofia*<sup>2</sup>, do autor Eric Matthews, por representar ponto importante de discussão entre duas áreas de conhecimento: Educação e Neurociência. Nos capítulos iniciais, o autor apresenta, como tema central, a discussão filosófica pujante através dos tempos sobre o significado de mente em relação à existência humana. Matthews convida o leitor a refletir sobre a visão de homem que ora é visto como um ser monista, ora como dualista, incluindo, nessa reflexão, as novas descobertas da Neurociência. Durante o desenvolvimento do artigo, outros autores não citados na obra de Matthews são incluídos, com o objetivo de elucidar melhor o tema e discutir a visão de homem, de mundo e de conhecimento inerente à época de cada período. Esse acréscimo torna-se importante por entender que tais visões auxiliam na explicação do pensamento sobre a mente humana e possibilita um posicionamento sobre a questão central do livro ao final do artigo.

Palavras-chave: Neurociência. Educação. Filosofia. Mente.

---

<sup>1</sup> Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Pós-Graduação em Educação/Currículo. Pós-graduanda do curso de Neurociência aplicada à Educação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Supervisora de Ensino da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. E-mail | abocchi@uol.com.br

<sup>2</sup> ERIC, M. *Mente conceitos – chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## **Abstract**

BOCCHI, Roberta Maria Bueno

This text is an article prepared for the Edict of Selection of Thematic Sections 2018 of the Journal Education & Reality. The article is composed of a critical essay directed to the first three chapters of Eric Matthews' book Concepts - Key Concepts in Philosophy, because it represents an important point of discussion between two areas of knowledge: Education and Neuroscience. In the opening chapters, the author presents, as the central theme, the philosophical discussion that has been thriving through the ages on the meaning of mind in relation to human existence. Matthews invites the reader to reflect on the vision of man who is now seen as a monistic being, sometimes as a dualist, including, in this reflection, the new discoveries of Neuroscience. During the development of the article, other authors not mentioned in Matthews' work are included, with the aim of elucidating the theme better and discussing the vision of man, world and knowledge inherent in the period of each period. This addition becomes important because it understands that such visions aid in the explanation of the thought on the human mind and it allows a positioning on the central question of the book at the end of the article.

Keywords: Neuroscience. Education. Philosophy. Mind. Capítulo 1

## Resumen

BOCCHI, Roberta Maria Bueno

Este texto se trata de un artículo elaborado para el Edicto de Selección de Secciones Temáticas 2018 de la Revista Educación & Realidad. El objeto del artículo está compuesto por una redacción crítica dirigida a los tres primeros capítulos del libro titulado *Mente conceptos - clave en filosofía*, del autor Eric Matthews, por representar un punto importante de discusión entre dos áreas de conocimiento: Educación y Neurociencia. En los capítulos iniciales, el autor presenta, como tema central, la discusión filosófica pujante a través de los tiempos sobre el significado de la mente en relación a la existencia humana. Matthews invita al lector a reflexionar sobre la visión de hombre que ahora es visto como un ser monista, como dualista, incluyendo en esa reflexión los nuevos descubrimientos de la Neurociencia. Durante el desarrollo del artículo, otros autores no citados en la obra de Matthews son incluidos, con el objetivo de elucidar mejor el tema y discutir la visión de hombre, de mundo y de conocimiento inherente a la época de cada período. Este aumento se hace importante por entender que estas visiones ayudan en la explicación del pensamiento sobre la mente humana y posibilita un posicionamiento sobre la cuestión central del libro al final del artículo.

Palabras clave: Neurociencia. Educación. Filosofía. Mente.

## Mente e alma

Este artigo desenvolve uma escrita crítica sobre a obra do autor Eric Matthews, por entender que seu texto representa um ponto fundamental de discussão sobre o trabalho conjunto entre Educação e Neurociência. Logo no primeiro capítulo, o autor inicia questionando qual o significado de ser humano, partindo do pensamento lógico do *Homo Sapiens* e lembrando que essa pergunta não pode estar relacionada apenas aos aspectos biológicos, mas à necessidade intrínseca ao homem em fazer essa pergunta. O autor argumenta que o homem se diferencia dos primatas por sua capacidade em pensar, em ser capaz de refletir sobre sua própria existência e de modificar, de organizar e de planejar sua vida de acordo com a reflexão que faz sobre ela, sendo, então, considerado um ser racional, possuidor de uma mente.

Nesse momento, Eric Matthews apresenta dois questionamentos que estarão presentes em todo o livro, os quais incitarão outras perguntas tão importantes como estas: “O que significa possuir uma mente? De que forma isso está conectado ao fato de sermos humanos?” (MATTHEWS, 2007, p. 9). Sob a força das questões levantadas, o autor inicia uma análise crítica baseada no pensamento de alguns dos principais filósofos da filosofia ocidental, na tentativa de identificar um “fio comum” entre eles. Chama atenção ainda para a distinção entre as palavras alma, mente e corpo, apresentando o primeiro filósofo em meio a essa discussão de significados.

Aristóteles é citado para iniciar a discussão. Segundo Eric Matthews, ele entendia ser a mente parte da alma humana, definindo a humanidade em conjunto às capacidades biológicas do homem, que, como substância, possuía forma e matéria. “[...] a substância é o ser humano cuja matéria é o corpo e cuja forma é a alma” (MATTHEWS, 2007, p. 13).

Andery (1996), ao escrever sobre o filósofo Aristóteles (período clássico - séculos V e IV a.C.) salienta sua visão de homem, conhecimento e mundo, definindo o homem como um ser capaz de produzir conhecimento por possuir uma alma, absolutamente diferente do corpo, mas essencial. O conhecimento era elaborado por meio da imagem captada pelos sentidos e só se fazia presente nesse homem por possuir uma dimensão racional e unificada, alma e corpo. O mundo era explicado por um sistema natural não divinizado. Essa visão de homem sofreu influência de outros filósofos do mesmo período,

como Sócrates e Platão, com um entendimento de que a alma era o diferencial do homem em relação aos outros animais.

Sócrates acreditava que o homem para fazer o bem bastava conhecê-lo, ou seja, o homem só fazia o mal por ignorância. Por essa razão, o filósofo levava o conhecimento a todos os cidadãos gregos e passou a representar um perigo para a elite mais conservadora de Atenas, por defender que o mundo era para todos e não para alguns. Foi o criador de um método denominado maiêutica, o qual

[...] consiste em forçar o interlocutor a desenvolver seu pensamento sobre uma questão que ele pensa em conhecer, para conduzi-lo, de consequência e consequência, a contradizer-se, e, portanto, a confessar que nada sabe. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 251).

Para Platão, ao nascer, o homem ganhava uma alma que já possuía conhecimento de outras vidas e o pré-classificava em classes sociais determinadas. O mundo era o reflexo do mundo das ideias, dividido entre o mundo sensível e outro objetivo.

Aristóteles, Sócrates e Platão tinham uma visão diferenciada sobre o homem quanto a sua capacidade de conhecer e evoluir no mundo. Ora esse homem podia conhecer e modificar seu entendimento e posicionamento no mundo, ora ele já estaria pré-determinado para tal conhecimento e disposição nesse mundo. No entanto, todos identificavam a *alma* como local das ideias e do conhecimento.

Após citar Aristóteles, Eric Matthews avança na narrativa filosófica e acrescenta à discussão o pensamento de René Descartes, salientando o fato de esse filósofo rejeitar a visão aristotélica monista de corpo e alma e adotar uma visão dualista diante desses dois elementos. Matthews afirma que tal entendimento se adequava melhor às novas necessidades da ciência física moderna.

Descartes abre espaço para o estudo dos diversos fenômenos corporais por dividir o homem em duas naturezas e manifestações, duas substâncias diferentes, uma imaterial e outra material (dualismo cartesiano). Ele entendia que fluidos ou espíritos animais estavam contidos no cérebro e que esses espíritos eram levados até o cérebro através de tubos, entrando em contato com o que ele denominava *res cogitans* – coisa pensante. A parte material, o corpo, era denominado de *res extensa* – coisa externa.

Chizzotti (2011), ao escrever sobre o filósofo Descartes (1596-1650), salienta a crença em um homem pautado pela razão como elemento essencial. No campo do conhecimento, surge o método cartesiano, que consiste em partir do pensamento das suposições chegando à indagação das fontes de conhecimento da época, que podiam ser

questionadas ou estarem distorcidas em sua verdade. A partir da intuição e da dedução, seria possível chegar à noção de existência de um conhecimento confiável, que, após várias indagações, permanecia como existência humana. O pensar indagatório até a existência do próprio pensar – “penso logo existo”.

Descartes, ao refletir sobre a presença necessária da dúvida, acrescenta ao seu pensamento a figura de Deus, como tentativa de busca da ideia de uma existência perfeita, que está acima do homem. Hall (2002), ao escrever sobre a relação filosófica entre Descartes e a figura de Deus, afirma: “Descartes acertou as contas com Deus ao torná-lo o Primeiro Movimentador de toda criação; daí em diante, ele explicou o resto do mundo material inteiramente em termos mecânicos e matemáticos” (HALL, 2002, p. 27).

Esse pensamento é próprio de um período histórico em que as antigas crenças medievais estavam abaladas por um novo mundo incerto, inseguro e cheio de possibilidades. O que restava, então, era a crença na fé, na experiência ou na razão – representados respectivamente pelos filósofos Pierre Charron, Francis Bacon e René Descartes.

Para Descartes, nesse contexto, a alma e a mente ocupavam o mundo das ideias e não necessitavam do corpo para existir, estavam no mundo das abstrações. O corpo era visto como uma máquina, possível de ser estudado por uma medicina mais científica. O conhecimento dava-se no campo das ideias, que eram inatas ao homem e fonte de verdade.

Dando sequência ao pensamento desenvolvido na obra de Matthews e considerando o novo século pautado por revoluções na economia e na política, o autor traz à discussão um pensamento que pretende contestar as ideias de Descartes, baseado em “certa interpretação” dos argumentos do filósofo Wittgenstein. Esse novo filósofo contestava a possibilidade vista por Descartes da existência de uma linguagem puramente privada, em que o homem possuía seus próprios pensamentos, dando seu próprio sentido a eles, atribuindo seu próprio sentido às palavras ao se comunicar com outras pessoas. Wittgenstein salientava a importância de uma linguagem comum para a comunicação de pensamentos e teorias, incluindo no cenário a figura do outro, que, para Descartes, poderia até não existir.

Nesse trecho, o autor faz vários questionamentos sobre a visão dualista de Descartes, colocando-a em dúvida e conduzindo sua escrita para considerações a respeito da completude do ser humano, corpo e mente inter-relacionados. Nesse momento, uma palavra até então não citada filosoficamente é introduzida ao desenvolvimento do texto,

*cérebro*. Matthews acrescenta ainda uma área de estudo nova à sua narrativa, a Neurociência, como sendo capaz de explicar a dependência presente entre os processos de pensamento e o funcionamento do cérebro. Agora não só a alma, a mente e o corpo fazem parte do texto, mas também o cérebro.

Matthews continua sua escrita salientando que Descartes reconhece que há um problema em sua teoria sobre a interação mente-corpo. Assim sendo, Descartes busca explicação na existência de um corpo no centro do cérebro chamado glândula pineal, que seria um ponto de contato entre a mente e o corpo – “[...] ponto no qual, as mensagens-pensamento oriundas da mente se concretizavam a partir de movimentos no cérebro, por meio destes, nos nervos e nos músculos” (MATTHEWS, 2007, p. 29).

Essa nova explicação de Descartes torna sua teoria sobre a interação ainda mais contraditória e abre espaço para outros pensamentos a respeito da interação mente-corpo. Nessa direção, Matthews cita o surgimento da teoria do ocasionalismo, do filósofo francês Nicolas Malebranche, que tentava explicar a ação humana como fruto de uma relação entre a ocasião e a força de Deus, atribuindo certo ar misterioso e divino às ações humanas corriqueiras. Surge, também, a teoria da harmonia preestabelecida, de Leibniz, que defendia ter Deus já organizado tudo desde o início, atribuindo certa semelhança e paralelismo entre o que acontece no corpo e na mente. Era evidente, desse modo, que o dualismo cartesiano enfrentava sérios problemas.

## Capítulo 2

### **Mentes e cérebros**

Nas primeiras linhas do capítulo 2, o autor posiciona-se criticamente em relação à teoria dualista cartesiana de Descartes, sequenciando alguns fenômenos humanos mentais e corpóreos presentes na vida cotidiana do homem que estão inter-relacionados. Chama atenção para a ofensa de Descartes a um princípio básico da filosofia, chamado “navalha de Occam”, entendido como “[...] não multiplique entidades além do necessário, isto é, não postule mais tipos de coisas além das que você realmente necessita para prestar conta de um fenômeno” (MATTHEWS, 2007, p. 33).

Na tentativa de sustentar sua teoria dualista cartesiana, Descartes postulou vários tipos de pensamentos além dos necessários, introduzindo, segundo o Matthews (2007),

uma misteriosa entidade ao cenário filosófico, a “substância mental”, totalmente desnecessária.

Na sequência argumentativa, Matthews volta sua escrita para a época histórica de Descartes e salienta o desejo de alguns filósofos contemporâneos a ele em encontrar uma única explicação para a questão mente e corpo, trazendo nomes da filosofia empirista que contestavam a teoria de Descartes e caminhavam na direção desse desejo. Os filósofos Hobbes, Gassendi e Locke são citados como contestadores do fato de Descartes ter separado a substância pensante da matéria, separação vista como desnecessária no novo cenário que se apresentava, marcado pelo surgimento da teoria do *contrato social*<sup>3</sup>. Na tentativa de controlar possíveis conflitos inerentes à natureza humana, essa teoria propunha um contrato entre as pessoas, dando origem à ideia de *Estado* como organizador político e social.

O primeiro filósofo citado pelo autor nesse trecho do livro é Thomas Hobbes. Ele defendia uma visão mecanicista do homem, acreditava que, por meio de um arranjo mecânico, o homem era capaz de controlar funções como memória, sentimentos e imaginação. Acreditava estar nas operações mentais o caminho para se explicar as percepções e o desejo do homem. O conhecimento aqui era visto como algo que acontecia mecanicamente no homem.

Em seguida, o autor cita Pierre Gassendi, que fazia uma crítica feroz da teoria dualista cartesiana de Descartes, defendendo que todos os corpos eram constituídos por átomos<sup>4</sup>, formando uma matéria que adquiria conhecimento por meio dos sentidos. Novamente, o conhecimento era visto como parte de um corpo material.

Já o filósofo John Locke, empirista, acreditava que, ao nascer, a alma humana era uma “tábula rasa”, uma folha de papel em branco; dessa maneira, o conhecimento viria com a vivência, da experiência ou das operações internas da própria mente e não das deduções ou especulações, podendo ser esse conhecimento dividido em sensação e reflexão (método empírico). Essa mente teria como conteúdo as relações que ela estabeleceria entre as sensações e as reflexões. O conhecimento dava-se, assim, por meio da mente.

---

<sup>3</sup> Século XVIII - Proposta de uma sociedade formada por uma convenção entre os homens que, em nome da paz e da segurança, voluntariamente constituem um poder comum, concentrado em um homem ou em um conjunto de homens, que podem reduzir todas as vontades da sociedade em uma só.

<sup>4</sup> Na física grega, de Demócrito e de Epicuro, partícula indivisível da matéria que dá origem aos corpos com propriedades sensíveis.



Contrapondo-se ao empirismo, o idealismo fundado pelo filósofo Kant traz uma nova ideia de homem, entendendo-o como portador de uma mente, em que uma atividade imprescindível para o processo de conhecer ocorre por intermédio de certas categorias cognitivas, dadas pela experiência daquele que conhece. “O processo de conhecimento transcende os dados empíricos, pois a percepção não depende só dos sentidos, mas, sobretudo, do aparato mental que organiza o conjunto das impressões sensíveis” (CHIZZOTTI, 2011, p. 41).

Torna-se mais evidente que um pensamento sobre a relação entre mente e cérebro se desenha como uma possibilidade no imaginário filosófico do período. Pensamento este que toma força com o aparecimento do movimento intelectual e filosófico denominado iluminismo (século XVIII). Esse movimento era centrado na razão e defendia ideais libertadores, progressistas, fraternos e de constituição governamental com a separação igreja-Estado.

Nesse cenário, citando o iluminismo e o filósofo Julien de la Mettrie, com sua obra *L’homme machine (Machine Man)*, Matthews traz para a sua argumentação o fenômeno de substituição das superstições até então consideradas, por uma visão que se baseava na razão científica, entendendo o homem como uma máquina, possuidor de uma única substância, a matéria. Na tentativa de explicar melhor essa questão da materialidade, o autor recorre às origens históricas do materialismo moderno e traz em pauta os novos conhecimentos científicos sobre o cérebro, citando a tese da *identidade mente-cérebro* desenvolvida por diversos pensadores da década de 1950, defendendo a ideia de que a mente era o próprio cérebro, um não existiria sem o outro.

Ao trazer para a discussão a Teoria da Identidade, Matthews cita dois filósofos modernos que se dedicaram a defendê-la, Ullin Thomas Place (1956) e Jack Smart (1959), com seus artigos *Será a consciência um processo do cérebro?* e *Sensações e processos cerebrais*, respectivamente. Esses filósofos modernos pretendiam propor uma teoria da mente que rebatia o dualismo e não recaia nos extremos do behaviorismo, cujos processos mentais e eventos eram apenas vistos como comportamentais.

Os anos de 1990 foram marcados na ciência como uma época de estudos aplicados ao funcionamento do cérebro. Os americanos denominaram essa década como “A Década do Cérebro<sup>5</sup>”. Contudo, segundo Lent (2018), essa questão é mais antiga. Por volta do

---

<sup>5</sup> “Em 1997, Hillary Clinton, em frente a uma plateia de profissionais de educação reunidos na Casa Branca, disse: ‘Está claro que chegou a hora de construir crianças’. Essa palestra, dada na ocasião da ‘década do

século III a.C., já havia uma crença na influência do sistema nervoso central na consciência e na cognição, com os estudos de Herophilus (335-280 a.C.) e Erasistratus (c. 310-250 a.C.) no Egito. Quinhentos anos mais tarde, Galeno (130-200 d.C.) descreveu os ventrículos cerebrais em detalhe, acreditando estarem ali os espíritos animais.

Embora alguns indícios históricos possam mostrar ter havido o estudo do cérebro em outras localidades e épocas além das citadas na obra de Matthews, a relação entre esse cérebro que se mostrava e as questões divinas, ou mesmo as relacionadas ao conhecimento, ainda não estava bem resolvida, reforçando a discussão histórica entre a visão monista ou dualista do homem.

Dando continuidade à escrita de Matthews, após ter introduzido a Teoria da Identidade, o autor cita Place e Smart para estabelecer uma discussão teórica sobre cérebro e consciência. O autor busca, ainda, alguns exemplos de imagens residuais e experiências conscientes utilizados por Smart para concluir que ambos são apenas processos cerebrais. Em seguida, o autor aborda algumas objeções apresentadas por Smart sobre a crença dualista de que as experiências conscientes possam ser distintas dos processos cerebrais:

- As pessoas podem falar sobre imagens residuais sem um conhecimento prévio sobre o cérebro, apenas por compreender o significado de tais imagens sem o conhecimento científico da neurofisiologia.
- Uma hipótese científica pode ser contestada por outra hipótese fruto de uma nova pesquisa científica, diante de novas evidências.
- Imagens residuais não são idênticas aos processos cerebrais, mas o fato de possuí-las indica haver processos cerebrais.
- Não há uma linguagem privada para as imagens residuais, o relato das pessoas sobre suas imagens residuais está sujeito às regras de linguagem adotadas.

Na sequência, o autor traz a figura de mais um filósofo, Saul Kripke, presente, entre outros temas, nas discussões que envolvem a filosofia da mente desde os anos de 1960. Esse importante filósofo defende que os significados são equivalentes àqueles elementos presentes no mundo, que estão conectados ao significado; desse modo, os conteúdos da mente dependem dos conteúdos do mundo externo.

---

cérebro', já foi citada como um grande momento da história dessa neuromio-se". (GAUSSEL; REVERDY, 2013, p. 28, tradução nossa).

Ao citar Kripke, o autor coloca em discussão as expressões identidades contingentes, designador rígido e verdade necessária, estando a última relacionada a verdades “verdadeiras em todos os mundos possíveis”. Nesse momento, Matthews volta a mencionar a tese da identidade e se utiliza da reflexão desenvolvida pelos filósofos Place, Smart e Kripke. Matthews (2007) afirma tratar-se de uma teoria reducionista, que acaba reduzindo os estudos da mente humana representados pela Psicologia, em uma ramificação de outra ciência, mais fundamental, a *Neurofisiologia*.

Mais adiante, esse reducionismo é substituído pelo autor pelo termo “eliminativismo” e mais dois filósofos, Paul e Patrícia Churchland, são convidados a participar da discussão sobre o materialismo, agora identificado como *materialismo eliminativista*. Esses filósofos defendem o materialismo eliminativista, que propõe a substituição de uma *psicologia folclórica* por uma nova teoria, a Neurociência. Eles entendem que a concepção tradicional dos fenômenos psicológicos, mais baseada no senso comum, é defeituosa e falsa.

Araujo (2011), ao escrever um artigo sobre essa questão, afirma haver um problema de identidade e autonomia ainda não resolvido pela Psicologia, o que a leva a ser constantemente ameaçada pela Neurociência.

Um dos principais problemas que a psicologia enfrenta diz respeito à definição do seu objeto. Como ainda não há uma resposta definitiva a essa questão, a psicologia tem sua autonomia e identidade constantemente ameaçadas pelas frequentes propostas de explicação dos fenômenos psicológicos através da neurociência. (ARAUJO, 2011, p. 36).

Matthews avança mais um pouco na sua escrita e apresenta uma crítica ao materialismo eliminativista, o funcionalismo. O autor o define como um sistema de estudo da área da Psicologia que tem como ideia primordial o estudo dos sentimentos e das sensações, não como substâncias, mas como investigação do que tais sentimentos e sensações podem causar na vida das pessoas.

O autor entende ter sido o funcionalismo uma alternativa frágil ao materialismo eliminativista. Ele coloca, nesse momento, o funcionalismo em dúvida e volta a citar afirmações dos Churchlands. Matthews termina o capítulo questionando se apenas uma ciência, ou até, uma determinada ciência, pode revelar a verdade fundamental sobre o homem – pensamento que pode ser o erro do materialismo clássico.

## Subjetividade, intencionalidade e comportamento

No capítulo 3, o autor retoma os capítulos anteriores e classifica a mente como sendo o nome de uma *coisa* ou de uma *substância* e propõe-se a discutir de que tipo de substância é feita a mente. Afirma, ainda, que ela pode ser comparada a algo não material, como no dualismo cartesiano, ou, também, pode ser comparada a algo que faz parte do universo físico, como no materialismo clássico. Em ambos os casos, fica claro que o homem possui uma mente; logo, podemos investigar qual o papel dessa mente na vida das pessoas.

A primeira argumentação posta pelo autor nessa reflexão é a de que o pensamento é único a quem pensa, só a própria pessoa tem acesso direto ao seu pensamento. Ele chama de “subjetividade do mental”. Ele afirma não poder haver um pensamento sem um pensador, porém esse pensamento pode ser subjetivo. Ao pensar se pensa em algo, se tem consciência de alguma coisa, há intencionalidade no pensar.

Ao discutir essa temática, Matthews cita um movimento da filosofia chamado de fenomenologia, que representa o estudo dos fenômenos da consciência humana tendo como princípio um pensar intencional, de forma puramente descritiva, da maneira como se apresentava diante da experiência. Em seguida, ele introduz, na discussão, o filósofo Franz Brentano e sua teoria da intencionalidade.

Brentano tentava classificar os fenômenos psíquicos. Acreditava que os atos humanos vinham de vivências intencionais complexas e múltiplas. Essas vivências intencionais tinham como característica relacionar-se de diversas formas com objetos representados. Para a consciência, a informação passa a ser essencial, podendo existir ou ser imaginada. O estudo proposto estava centrado na relação existente entre a consciência e o objeto, sendo este real ou fantasioso.

Matthews (2007, p. 60) faz uma crítica a duas questões a respeito da teoria da intencionalidade:

- “Será realmente verdade que toda forma de consciência deve ser intencional?”.
- “Aquilo que é intencional é necessariamente algo consciente?”.

Na primeira questão, o autor conclui que a intencionalidade não está somente relacionada à consciência. Quanto a segunda, ele afirma não ser uma obrigatoriedade.

Esse caminhar argumentativo permite ao autor lançar mais um questionamento: “Será que pensar no mental dessa forma faz uma nítida distinção entre o mental e o físico ou o material?” (MATTHEWS, 2007, p. 61). A partir desse ponto, o autor inicia uma arguição sobre a possibilidade do mental estar relacionado tanto ao próprio mental como ao físico/material. Ele usa alguns exemplos do cotidiano para ilustrar sua alegação e coloca em dúvida o materialismo cartesiano, a subjetividade, a intencionalidade e o materialismo clássico. Busca em alguns filósofos já citados um ponto em comum entre eles que sustente a sua argumentação. A intenção do autor parece ser a de levar o leitor a identificar o homem como um todo. Buscar o homem e não algumas de suas partes ou sensações separadamente.

O filósofo Gilbert Ryle (século XX) é chamado a auxiliar Matthews. O filósofo defendia a concepção segundo a qual os problemas filosóficos deveriam ser examinados e analisados por meio da linguagem. Ficou conhecido por fazer uma crítica ao dualismo cartesiano, classificando-o, em uma de suas obras, como o *mito do fantasma na máquina*, que faz referência ao pensamento de Descartes, que considerava a mente uma substância espiritual, localizada em um corpo – matéria -; logo, um fantasma em uma máquina.

Ryle defendia que a filosofia deveria considerar as várias formas de descrever algo e não se ater apenas a um único tipo de descrição. Isso levaria a entender o homem considerando suas várias formas, como um ser humano. “[...] se esses argumentos são válidos, os seres humanos não são fantasmas habitando máquina e que, certamente, não são tão somente máquinas sem fantasmas: eles são simplesmente seres humanos” (MATTHEWS, 2007, p. 68).

O autor continua sua escrita chamando atenção para o perigo da categorização e salienta a possibilidade de existir não apenas uma, mas diversas possibilidades de entendimento do mesmo problema por diversas áreas de conhecimento, de forma que uma auxilie a outra no entendimento do todo. Em seguida, Matthews contesta o fato de Ryle ser considerado por alguns como behaviorista, apresentando alguns argumentos e citando uma declaração do próprio filósofo afirmando que os behavioristas não enxergam os humanos como fantasmas que habitam máquinas, mas como máquinas sem os fantasmas.

Após apresentar Ryle, o autor inicia uma escrita incluindo um termo novo, o *significado*. Esse novo termo é apresentado em meio a alguns exemplos de linguagens proferidas com certo significado para quem fala e também para quem ouve ou observa. O fato dos seres humanos falarem algo que significa alguma coisa além da própria fala passa a ser o foco da argumentação do autor.

A partir desse ponto, ele conduz o leitor a revisitar a fenomenologia, agora por meio do filósofo Merleau-Ponty e a pensar sobre a possibilidade de entendimento do homem como alguém portador de um comportamento que tem significado. Esse significado só pode ser comunicado e entendido se houver uma linguagem comum, se algo biológico e físico estiver sendo acionado. O homem passa a ser visto como alguém que entende o mundo de forma individual, por intermédio de seus próprios significados e, também, dos significados acordados pelo meio em que vive. O foco agora não é mais nas mentes, mas em quem possui a mente, citado pelo autor como *sujeito*.

Ao citar a palavra “sujeito”, e não mais a palavra “homem”, o autor evidencia a completude de seu entendimento sobre a questão inicial do livro, que versa sobre a visão de homem, que ora era visto historicamente como um ser monista, ora como dualista.

Esse homem torna-se sujeito quando consciente de seu existencialismo, dado pela percepção individual de mundo, interage com o grupo em que está inserido.

A pessoa é um sujeito enquanto vive em relação com um grupo e este torna-se sujeito na medida em que se constitui por pessoas. Desse modo, pode-se falar em verdadeiro sujeito quando se fala de um coletivo de pessoas (SILVA,1996, p. 90).

Considerando que, para a constituição de um coletivo de pessoas que possam interagir haja a necessidade de uma linguagem comum, do uso de determinadas funções físicas e mentais, intencionalidade e significado, entende-se que esse sujeito deva ser muito mais que apenas mentes ou corpos. É a completude dada pelo sujeito que permite sua própria sobrevivência humana. Logo, uma ciência que considere apenas uma dessas possibilidades está inserindo o erro.

Pensando nessa completude, uma nova ciência surge para ajudar no entendimento do cérebro desse sujeito, a Neurociência. O que no passado foi atribuído à alma, passa a ser agora atribuição do cérebro.

A Neurociência representa uma nova possibilidade de estudo desse sujeito, não como uma ciência dona da verdade absoluta, mas capaz de desvendar alguns caminhos do sistema nervoso central ainda não considerados por outras ciências que estudam o comportamento humano. Lent (2018) define como sendo o objetivo dessa ciência “[...] buscar explicação de como a cognição e a consciência humana nascem da atividade do cérebro” (LENT, 2018, p. 2).

Esse objetivo é valioso, por exemplo, para a área educacional, que pode se utilizar dos conhecimentos da Neurociência para trabalhar de forma mais harmônica a formação

desses sujeitos. A Educação, a Psicologia e a Neurociência são disciplinas que não terão um futuro a não ser que mostrem juntamente o seu trabalho, pensando um sujeito que não tem espaço para a dualidade.

## Referências

ANDERY, M. A. *Para compreender a ciência*. São Paulo: EDUC, 1996.

ARAÚJO, S. de F. O materialismo eliminativo e o problema ontológico da Psicologia. *Revista Ética e Filosofia Política*, Juiz de Fora, v. 1, n. 14, p. 36-45, jul. 2011.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GAUSSEL, M.; REVERDY, C. Neurosciences et éducation: la bataille des cerveaux. *Revista Ifé – Institut français de l'éducation*, Lyon, n. 86, p. 1-40, set. 2013. Disponível em: <<https://f-origin.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/1857/files/2014/04/86-septembre-2013.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2018.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JAPIASSÚ H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LENT, R. *Neurociência da mente e do comportamento*. Rio de Janeiro: Koogan, 2018.

MATTHEWS, E. *Mente conceitos – chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVA, J. M. *A autonomia da escola pública*. Campinas: Papyrus, 1996.